

À cabeça de Negro, as imagens (in)visíveis da Cor: Do Atlântico-Azul, à Amazônia Negra¹

Marcela Bonfim²

Resumo

As potências de um corpo negro – imaginário - em busca de formas e lugares próximos à sua ancestralidade.

Palavras-chave: Amazônia Negra; cabeça de negro; barbadianos.

Resumen

Las potencias de un cuerpo negro - imaginario - en busca de formas y lugares cercanos a su ancestralidad.

Palabras clave: Amazonia Negra; cabeza de negro; barbadianos.

Abstract

The powers of a black body - imaginary - in search of forms and places close to its ancestry.

Keywords: Black Amazon; black's head; Barbadians.

Ao Negro?

Uma poesia;

*Escavidão,
Capitalismo,
Pandemias.*

Ao Negro,

Outra poesia;

*Navio, escuridão,
Sem direito
A despedida
Mar a dentro
Se foi.*

Ao Negro,

Uma outra poesia;

*Muitos que continuaram
Sequer enxergaram
A luz do dia.*

Ao negro,

Mais essa poesia;

*Será o fim
Dos tempos?
Ou outro meio
De morte
A cada dia?*

Ao negro,

Uma última poesia;

*Quando tudo
Passar,
O que será
Da pele escura;
Já que achava
Que era dia?³*

¹ Este ensaio é parte do livro em elaboração: As imagens (in)visíveis da Cor.

² Economista, Fotógrafa e ativista cultural, idealizadora do projeto **(Re)Conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta.** | reconhecendoamazonianegra@gmail.com

³ Poesia premiada no Programa "Arte como Respiro" – Itaú Cultural (2020).



Ao Negro, o Brasil

316

Ao Negro, nascer e crescer no Brasil, tem significado tanto no tempo, quanto nos espaços vazios desse corpo-imagem-continente, traumáticas e violentas experiências de vida e de morte; atravessadas por deformidades e barreiras enxertadas nas lacunas básicas da memória e do refletir [-se] negro; cá, elucidadas a partir de um remonte de imagens; ora visíveis, ora invisíveis; curadas e estabelecidas a partir de um juízo estrutural; racializado e parcial; agora, discernido nitidamente no particular de governos, sociedades e da própria economia global; tendo na regulação ordinária das imagens tidas *sujeitas*, a conservação de um modelo de capital lastreado por contrastes; num forjado sistema de distinção de Cor; agrupando inúmeras identidades à uma dita *raça negra*; esta sobrevivente até aqui.

Ao Negro, a sobrecarga das imagens (in)visíveis da Cor

Possuindo uma história interrompida; e dali forjada entre remotos acordos e outras estórias; as traumáticas experiências do corpo-imagem-continente negro no Brasil, embora pautadas e problematizadas com mais frequência e propriedade nos dias atuais, ainda padecem sob uma espécie de “branco” às sombras de suas próprias origens, ultrajadas e subalternizadas, por camadas (in)visíveis latentes, impactadas desde o fenótipo, aos labirintos embranquecidos de uma *cabeça de negrx*; alvo e ambiente de propagação das tantas violências contra sua própria pele; na maioria das vezes sem perceber ao longo de seus percursos esses estigmas impingindo a nossos corpos pretos, negros, escuros ou o que?

A exemplo de uma criança negra recém-nascida no Brasil; que nasce pesando nas costas uma sobrecarga – conceitual, imaginária, imagética? – com mais de 300 anos de deterioração, além dos martírios acumulados em seus vazios, devorados por um convívio histórico com a violência e a marginalização; tanto ocasionais aos estigmas associados a sua pele, quando apreendidos mais tarde por *seus* inconscientes ideais; perfazendo da sua autoimagem negra grandes distâncias internas ao longo de suas vidas; reproduzidas explicitamente entre abismos; tal como se enxerga as distâncias entre a imagem de uma jovem mãe negra, com a de uma *Madona cristã*; isto é, as construções morais referentes a imagem de uma *santa* mãe ou esposa; até hoje reproduzidas e cultivadas socialmente; tendo seus filhos as mesmas projeções; e polarizados destinos.



Imagem 1. Madona Negra*



Foto: Marcela Bonfim [Porto Velho - RO | 2014].

* Carol e Heitor Grumble, descendentes de imigrante da Guiana inglesa.

Ao Negro, a “cabeça de branco”

A cortes profundos e contínuos; da carne negra foi sacada aos baques o direito à identidade, à memória e aos espaços; às experiências de liberdade, afeto, prazer e dignidade; numa violação total de sua condição de humanidade, força de trabalho e propriedades intelectuais; ainda estilhaçadas por todos os cantos do mundo; aos poucos (re)conhecidas e

⁴ Poesia publicada no livro: SILVA, Erlandia R. *Primeira fagulha: literatura contemporânea escrita por mulheres de Rondônia*. Porto Velho - RO: Clube das Escritoras de Rondônia, 2020.



**Madona Negra;
Do cinza,**
Vi o verde brotar
Aiaiai...

Não sabia nada
Sobre o Medo e o Mar

Feito fogo afoito
Foi terra buscar

Bebeu tanta Água
Que virou Luar...

Metade Negra;
Metade Dor

Às vezes Sereia;
Às vezes Cor

Metade Negra;
Metade Cor

Às vezes Serena
Às vezes Dor...⁴

resgatadas em diversos campos e *cantos*; sobretudo; assimiladas e geridas pelo pensar (e pesar) de homens brancos.

Ao Negro, além dos Navios & Senzalas, a cabeça de branco, desde a literatura às artes em geral; atravessando inclusive as dimensões da aparência e dos papéis sociais; com a camada implícita de comportamentos convencionais aos baús de sutilezas; recriando ao negro uma forma de açoite velado; agora, ocorrido na *cabeça*; preservando os espaços já garantidos a uma pequena parcela que mal representa a própria branquitude; ainda frequente em instituições privadas e públicas; acadêmicas, científicas, jurídicas, artísticas; todas sob domínios patriarcais.

Ao branco, a Cabeça de Negro

Ao expor a “*Cabeça de Negro*” de Jesuá Johnson, reconhecido como Bubu; filho de pais afro-antilhanos, e nascido em 1951, na cidade de Porto Velho, em Rondônia; onde enraizaram seus avôs no início do Século XX, colaboradores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré {EFMM}; remontamos as possíveis imagens e impactos das *quebras* de um imaginário social particular – aos poucos irradiado por fissuras; na própria dinâmica do pensar as imagens negras dessa época – uma vez que os corpos escuros ainda padeciam radicalmente às violentas pressões e limites de um período recente a pós-escravidão.

Imagem 2. Cabeça de Negro*

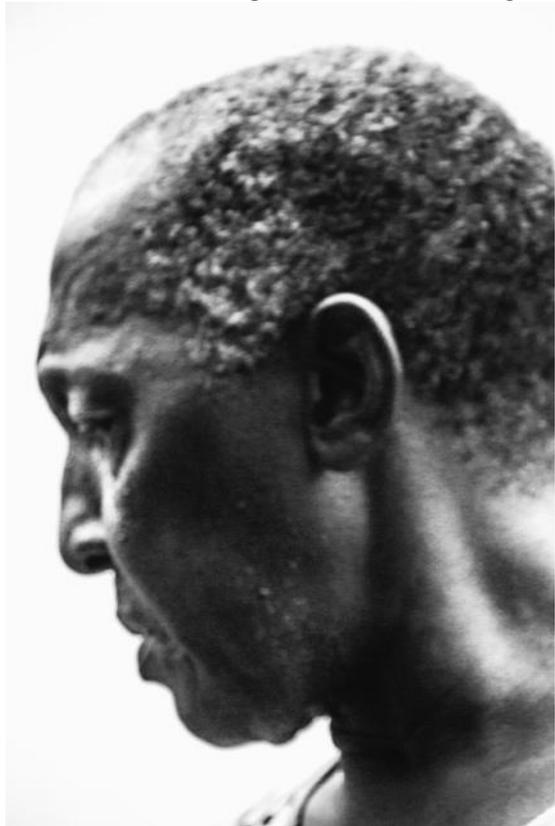


Foto: Marcela Bonfim [Porto Velho – RO | 2014]

*Bubu Johnson.

A chegada dessa grande diáspora negra, além provocar recorrentes rupturas no fluxo das imagens sujeitas, trazia também a curiosidade de saber quem eram aquelas identidades que se apresentavam por si próprias? Inclusive, bastante *notadas* de posições *para um negro da época*; aos poucos encaixados por *si*, na métrica e nos espaços da cidade; num tempo em que a Amazônia viveu às margens do *soul* e do *blues*.

À Cabeça de “barbadiano”, a cabeça local ⁵

Os fluxos das diversas populações afro-antilhanas espalharam-se, sobretudo, pelo norte do país; chegando a Rondônia associadas à imagem do “barbadiano”. Maloney, Johnson, Holder, Blackman, Shockness, Harley, Grumble, Scantbelruy; todos, trazendo além de suas identidades, o atravessamento de suas qualificações e dos diferentes costumes; rapidamente visíveis nas vias de acesso da pequena cidade surgindo.

O processo de instalação dessas populações; a princípio identificadas como “barbadianas” – e atualmente ressignificadas como *populações afro-antilhanas* pela historiadora, Cleidenice Blackman⁶ – ocorreu às margens direita do Rio Madeira; sudeste da Amazônia; ponto inicial da {EFMM}; culminando na fronteira entre Brasil-Bolívia com a edificação de um reduto chamado de *Barbedian Town*; rapidamente *notado* como um ponto de referência dessas populações, inclusive por conta das manifestações culturais; além dos costumes e da própria convivência entre essas famílias; contudo, rejeitado por parte conservadora da cidade; atacando-o de “*Alto do Bode*”.

À cabeça local, a cabeça de “barbadiano”

Maior que as dificuldades e as barreiras apresentadas ao cotidiano dessas famílias afro-antilhanas; era a postura e o engajamento dessas mulheres e homens; na exaustiva comprovação de suas habilidades; além da superação das barreiras da língua e da cultura; sempre tendo como norte o

⁵ Ideias inicialmente discutidas no texto “Olhar as voltas da cabeça de negro”, constante no livro: LINKE, I.; KRUCKEN, L.; BEZERRA, U. (org.). *Nkaringana: objetos e histórias em trânsito*. Salvador - BA: Duna, 2020.

⁶ BLACKMAN, Cleidenice. *Do Mar do Caribe à beira do Madeira: historiografia cultura e imigração*. Curitiba: Appris, 2019.



acesso dos filhos à educação, atravessando duas gerações numa puxada jornada à base de seus próprios limites.

Senhora Elvira e senhor Norman Johnson, pais do Bubu, aos poucos, formaram 13 dos 16 filhos, nas principais instituições públicas de ensino do Brasil – todos retornados para contribuir com a cidade, em suas formações acadêmicas e atitudes politizadas.

Imagem 3. Fotografia de Dona Elvira



Foto: Arquivo pessoal da família Johnson [Porto Velho - RO]

Imagem 4. Matéria de jornal: Último dos Barbadianos



Fonte: Jornal Diário da Amazônia, Ana Arananda (14 set. 1995)

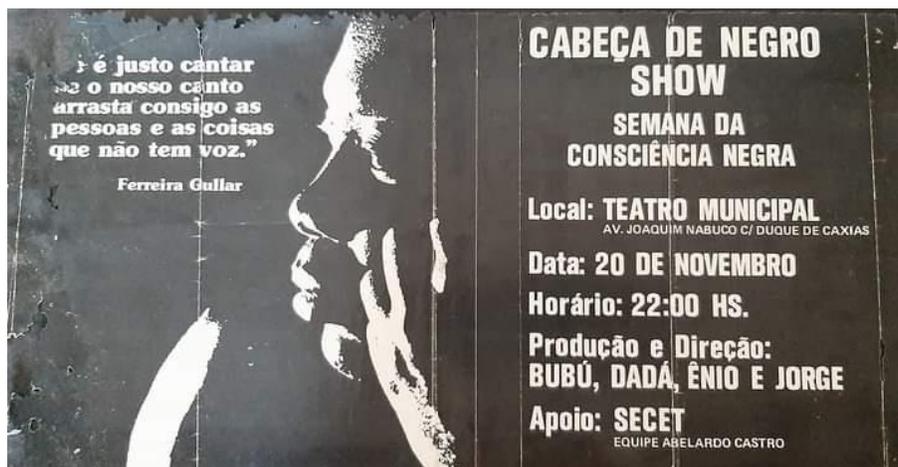
Na década de oitenta, Bubu Johnson; terceira geração; formava-se em Educação Física, na cidade de Cuiabá, no Mato Grosso; no mesmo período em que seu irmão, Norman Johnson Júnior, tornava-se bacharel em matemática, no Rio de Janeiro; para onde as viagens podiam durar semanas; sendo um desafio ampliado aos jovens netos dessa diáspora, que migravam, agora, estudantes a outras capitais, encontrando-se também com outras narrativas negras engajadas em movimentos de afirmação da identidade negra no Brasil.

A efervescência dos encontros entre os jovens negros recém-formados e egressos a Porto Velho, trouxe aos anos 80, a nítida imagem de um “corpo negro-



pulsante”, agora, sintonizado à *cabeça enegrecida*; de onde ecoava as potências artísticas, no levantar de um movimento ressignificado de “Cabeça de Negro” – dando origem às iniciais gerações ativistas negras do Estado.

Imagem 5. Convite do projeto Cabeça de Negro



Fonte: Arquivo cedido pelo artista plástico Vrena [Porto velho – RO | 1985]

Nesse aspecto, os anos oitenta transcorreu como um marco a essas representatividades negras, demarcadas de outras raízes como do Maranhão, Pará, Matogrosso, Bahia, Ceará, Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo e tantas outras localidades; convergidas em busca de seus potenciais e dignidade; perfazendo fluxos próprios de imagens-referências, e inspirando outros corpos negros chegados à terra.

Do Atlântico-Azul, à Amazônia Negra

Com o tempo, as aproximações entre a *cabeça* local e a *cabeça* afro-antilhana, passou a reflexionar significativamente na dignificação desses corpos; gradativamente (re)conhecidos em suas potencialidades; antes não associadas à pele escura; e acessadas desde os *tabloides* ingleses locais; até as frequências das rádios antilhanas; ampliando as relações entre o espaço e sua nova raiz antilhana.

Ocorrendo, assim, entre a fluência e a turbulência; as alterações no espaço desse cotidiano amazônico tiveram nas imagens e na presença afro-antilhana as quebras necessárias; partidas e remontadas de um corpo negro pulsante a tantos outros impulsos, perdidos e reorganizados nesse espaço



amazônico que enegrece a cada *quebra* de imaginário; sendo o suficiente para atravessar o Rio Madeira, e as tantas nações indígenas; de Atlântico-azul-mar.

**Ao Negro,
O Pulsar**
*De um Corpo
Negro*

**Ao Negro,
O colorir**
*Do Mar
Azul:*

Azul:
*Da Cor
Do Mar;*

*O Mar:
É
Negro-Azul*

Orum!

*A pele
Do Mar:
É
Negro-Azul...⁷*

Recebido em 20 nov. 2020 | aceite em 10 fev. 2021.

⁷ Poesia anteriormente publicada em: LINKE, I.; KRUCKEN, L.; BEZERRA, U. (org.). *Nkaringana: objetos e histórias em trânsito*. Salvador - BA: Duna, 2020.

